Ciência e religião nos seminários católicos brasileiros

— *Marcio Antonio Campos**

Resumo

A experiência prática mostra que, entre a população católica brasileira, em muitos assuntos, como moral e liturgia, a opinião da autoridade mais próxima costuma ter mais peso que as declarações oficiais do Vaticano, que muitas vezes nem chegam aos fiéis, apesar de a internet ter tornado mais fácil o acesso a esses documentos. Por isso, uma sondagem buscou saber o que pensam os futuros sacerdotes sobre temas de ciência e religião, já que eles influenciarão o pensamento de muitos católicos sobre esses assuntos. Os seminaristas entrevistados, em sua maioria, rejeitam o discurso de conflito entre ciência e fé, mas por outro lado ainda se vê a persistência da ideia do "Deus das lacunas" e de visões díspares a respeito da compatibilidade entre a doutrina católica e teorias científicas como o Big Bang ou a evolução.

Palavras-chave: Ciência e religião, Igreja Católica, seminaristas, Big Bang, evolução, criacionismo, Design Inteligente, bioética, interpretação da Bíblia, Gênesis, Deus das lacunas.

1. Introdução

Uma característica do catolicismo brasileiro é o peso acentuado que os fiéis costumam dar à opinião das autoridades eclesiásticas que estão mais próximas, mesmo quando elas contradizem orientações do bispo local ou mesmo do Vaticano. Este fenômeno é observado especialmente em temas como moral e liturgia, mas não se descarta sua ocorrência em relação a outros assuntos.

A relação entre ciência e religião vem ganhando relevância nos círculos

* Jornalista, editor na Gazeta do Povo (Curitiba-PR, Brasil), onde mantém o blog *Tubo de ensaio* <www.gazetadopovo.com.br/blog/tubodeensaio>, sobre ciência e religião, e é colunista de ciência e religião da revista *O Mensageiro de Santo Antônio*. Uma versão resumida dos resultados presentes neste artigo foi apresentada no VI Congresso Latino-Americano sobre Ciência e Religião, na Cidade do México, em outubro de 2011. E-mail: <marcio.antonio.campos@gmail.com>.

religiosos, com o surgimento do neoateísmo, cujas ideias, amplificadas pela imprensa e por *best-sellers* de autores como Richard Dawkins, oferecem um desafio à fé de muitos cristãos. Isso leva os futuros líderes religiosos e os responsáveis por sua formação a considerar a necessidade de ter conhecimento suficiente para lidar com as alegações neoateístas, já que são as informações recebidas por meio dos sacerdotes que os católicos tenderão a levar em consideração ao formar sua própria opinião sobre o tema.

Assim, este artigo traz os resultados de uma sondagem feita com seminaristas em diversas regiões do Brasil, com o objetivo de descobrir qual o seu interesse pela relação entre ciência e fé, qual o conhecimento que esses seminaristas têm sobre tais assuntos e sua opinião sobre temas relevantes do diálogo atual entre ciência e religião.

2. Questionário e perfil dos entrevistados

2.1. Metodologia

Para colher as opiniões dos seminaristas, foi elaborado um questionário on-line, hospedado no site Google Docs e acessível pelo site <http://bit.ly/seminaristas>. O questionário incluía um perfil do seminarista, questões de múltipla escolha e questões discursivas.

Reitores e diretores de seminários em diversas cidades brasileiras, incluindo praticamente todas as capitais estaduais, além de diversas ordens religiosas, foram contactados e convidados a participar da pesquisa. Em alguns casos em que havia dificuldades de acesso à internet no seminário, foram enviadas cópias impressas do formulário, que os seminaristas preencheram e devolveram ao autor para inserção manual no sistema on-line do Google Docs. Para evitar qualquer elaboração de "rankings" entre seminários, o questionário se limitou a perguntar o estado de origem e a classificação da instituição – diocesana ou religiosa/pertencente a grupo não vinculado a dioceses (como, por exemplo, os Legionários de Cristo).

2.2. Perfil

Responderam ao questionário 143 seminaristas de instituições localizadas em dez estados brasileiros (Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo) e do Distrito Federal. O número, baixo em relação à quantidade de seminaristas abrangida pela totalidade das instituições contactadas pelo autor, pode se dever a três fatores: falta de interesse do diretor ou reitor do seminário pelo tema, falta de interesse dos próprios seminaristas pelo assunto, ou dificuldade de acesso à internet nos seminários – neste caso, no entanto, foi oferecida a opção do envio dos questionários impressos para preenchimento.

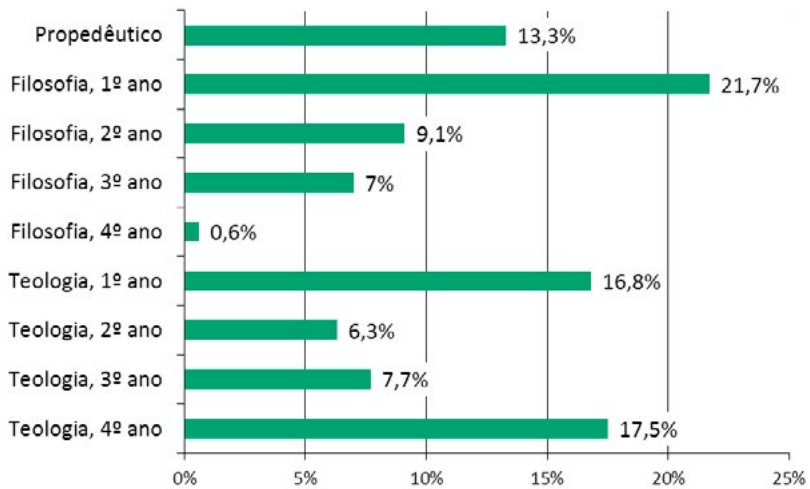
Uma dificuldade para estabelecer a representatividade da amostra é a

inexistência de dados sobre a quantidade de seminaristas existente no Brasil. Nem mesmo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem este dado, apesar da existência do *Anuário Católico*1, parceria entre a empresa Promocat e o Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris, vinculado à CNBB). Representantes do *Anuário Católico* disseram ao autor, por telefone, que esse dado não era compilado por causa da grande rotatividade verificada nos seminários, com candidatos ao sacerdócio entrando ou abandonando as instituições constantemente, o que tornaria qualquer levantamento menos confiável.

Uma possível solução para estimar a quantidade de seminaristas no Brasil seria considerar a mesma proporção existente entre os padres brasileiros e o clero mundial. Segundo o próprio *Anuário Católico*, o Brasil tinha, em 2010, 22.119 sacerdotes[2]. No mesmo ano, de acordo com o *Anuário Pontifício 2012*, a Igreja Católica tinha 412.236 padres em todo o mundo[3]. Portanto, o Brasil teria 5,4% do clero mundial. Aplicando a mesma proporção ao número de seminaristas, que em 2010 era de 118.990 em todo o mundo, o Brasil teria, naquele ano, quase 6,4 mil seminaristas. Assim, mesmo considerando que tenha havido um leve incremento neste número entre 2010 e 2011, a amostra colhida na sondagem apresentada neste artigo equivaleria a cerca de 2% do total de seminaristas do país. No entanto, é preciso ressaltar que esta é apenas uma tentativa de estimar a quantidade total de seminaristas no país, e que pode não corresponder ao número real.

Dos 143 seminaristas que participaram da sondagem, 72,7% são diocesanos e 27,3% são de ordens religiosas ou outras instituições católicas sem vínculo com dioceses. Quanto ao ano de formação, eles se distribuem do seguinte modo:

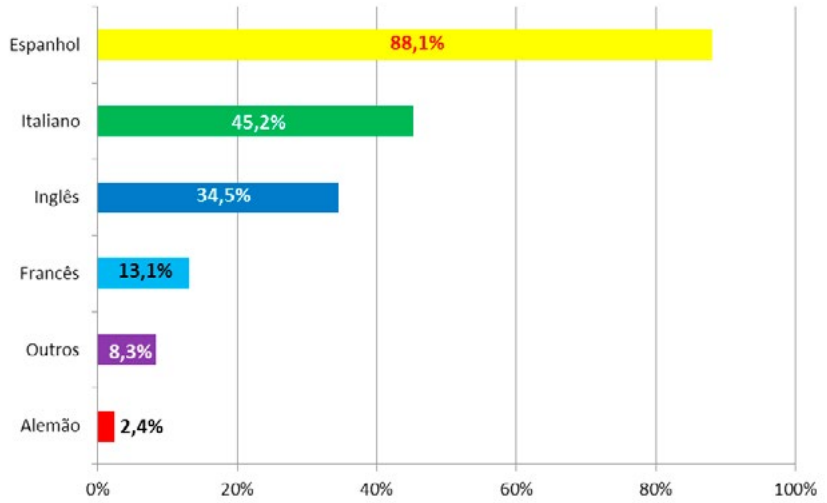
Gráfico 1 – Perfil dos seminaristas por ano de formação



Quanto à formação universitária, 24,5% dos seminaristas (35 entrevistados) disseram ter outro curso superior completo; 14% deles (20 seminaristas) estavam fazendo outra faculdade ou já abandonaram algum outro curso no meio. Retirando-se os estudantes que mencionaram o curso de Filosofia, etapa obrigatória na preparação para o sacerdócio, sobram 32 seminaristas, ou 22,4% do total de entrevistados. Os cursos pelos quais esses seminaristas já passaram ou estão passando são Administração, Biomedicina, Biotecnologia, Contabilidade, Design Gráfico, Direito, Economia, Educação Física, Enfermagem, Estatística, Física, História, Informática, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Psicologia, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Serviço Social, Sistemas de Telecomunicações, Sociologia e Teologia (caso de um seminarista ainda no Propedêutico).

Um dado relevante do perfil dos seminaristas, quando se trata da relação entre ciência e fé, é sua fluência em línguas estrangeiras. Enquanto 58,7% dos seminaristas disseram ter facilidade para ler textos escritos em outros idiomas, 41,3% dos entrevistados leem apenas em português. Entre os que disseram ler facilmente línguas estrangeiras, o espanhol é o idioma mais conhecido, sendo lido por quase 90% dos seminaristas que conhecem pelo menos um segundo idioma.

Gráfico 2 – Idiomas estrangeiros conhecidos pelos seminaristas (% dos que disseram ler pelo menos uma outra língua)



O número adquire relevância porque a maioria das melhores fontes existentes sobre a relação entre ciência e fé está disponível apenas em outros idiomas, especialmente o inglês, que é conhecido apenas por um terço dos seminaristas que disseram ler em outra língua. O fato de quatro em cada dez seminaristas só lerem

em português deixa clara a necessidade de um esforço urgente de tradução de mais obras sobre o assunto; a maioria dos poucos livros sobre a relação entre ciência e fé publicados pelo mercado editorial brasileiro defende o paradigma de conflito, e não o de conciliação.

3. Resultados

3.1. Conhecimento científico

Parte do questionário foi dedicada a avaliar o autodeclarado conhecimento científico, a frequência com que os seminaristas leem sobre ciência e seu interesse em relação ao tema em geral, sem entrar na relação da ciência com a religião. É preciso ressaltar que, no caso da primeira questão (Gráfico 3), as respostas se baseiam em autodeclaração e não foi feito nenhum teste para confirmar se o conhecimento científico do seminarista era realmente compatível com a resposta que ele havia dado à questão.

Gráfico 3 – Como você avalia seu conhecimento científico?

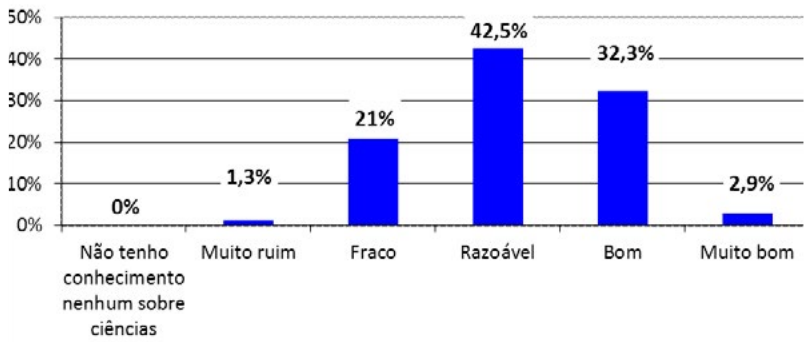
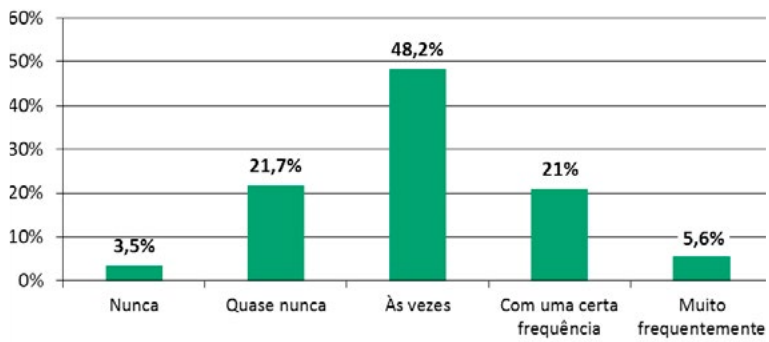


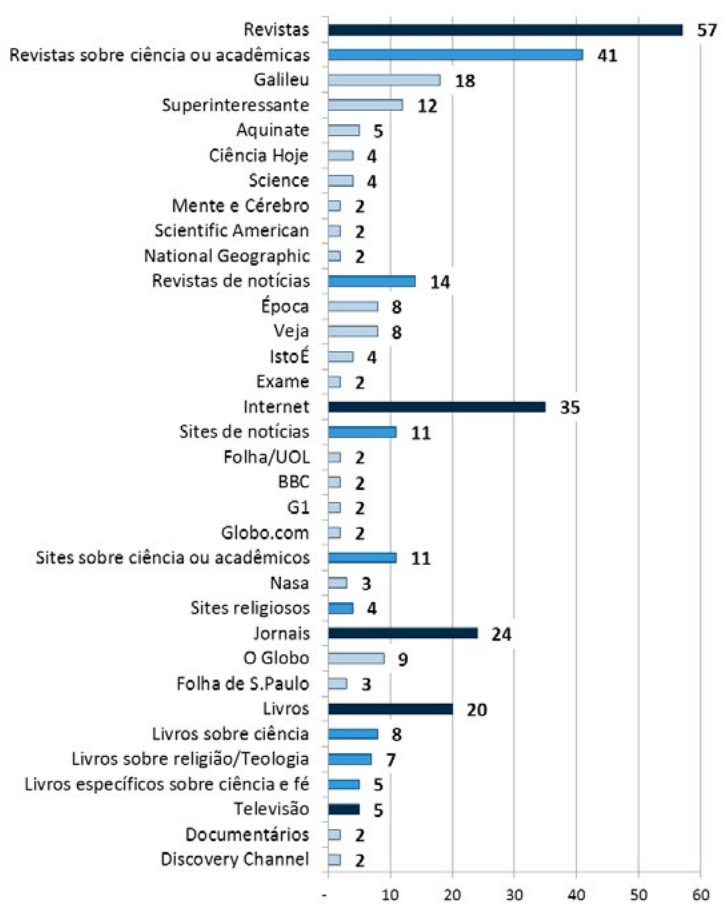
Gráfico 4 – Com que frequência você lê sobre ciências?



O questionário permitia aos seminaristas dar suas razões para a pouca leitura. Dos 36 entrevistados que responderam "nunca" ou "quase nunca" ler sobre ciência, 22 apresentaram uma ou mais explicações: oito seminaristas alegaram não ter interesse no tema; seis disseram haver coisas mais importantes para se preocupar no seminário; cinco afirmaram não ter tempo para ler sobre ciência; dois disseram ter dificuldade de acesso a publicações sobre o tema; e três alegaram outros tipos de motivos.

Os seminaristas também foram questionados sobre quais as suas fontes de informação sobre ciência. Por se tratar de uma questão aberta, eles podiam tanto dar respostas mais gerais como apontar publicações específicas ou autores que costumam ler. Dos 138 seminaristas que disseram ler algo sobre ciência, ainda que quase nunca o façam, 85 disseram o que costumam ler. O Gráfico 5 enumera todas as fontes que receberam pelo menos duas menções por parte dos entrevistados.

Gráfico 5 – Se você lê sobre ciência, ainda que seja apenas um pouco, quais são suas fontes de informação?



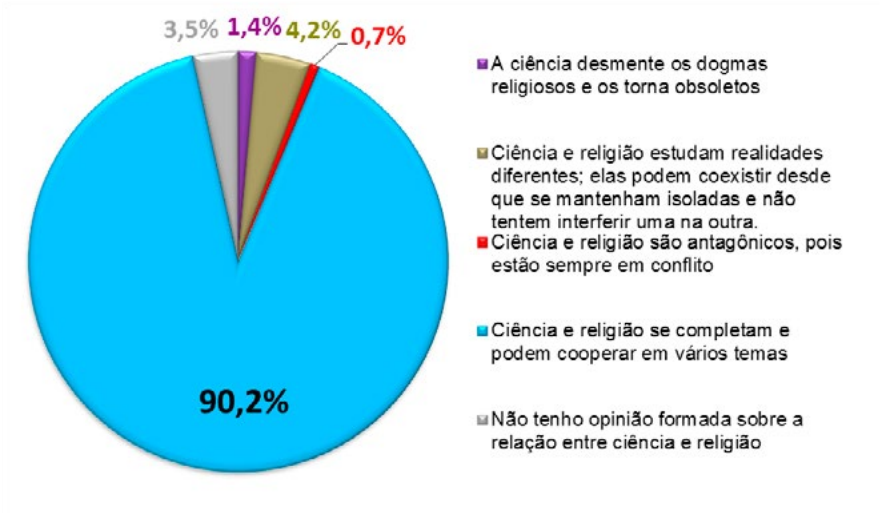
Entre os autores citados pelos seminaristas, o que recebeu mais menções foi Stephen Hawking, lembrado por três entrevistados; seguiram-se Carl Sagan, Charles Darwin, Karl Popper, Mariano Artigas e santo Tomás de Aquino, mencionados por dois entrevistados. Os autores citados apenas uma vez foram Albert Einstein, Antonino Zichichi, Antônio Feitosa, Aurélio Fernandez, Bertrand Russell, Christopher Hitchens, Felipe Aquino, Francis Collins, Galileu Galilei, Hans Küng, Hans-Georg Gadamer, Immanuel Kant, Isaac Newton, Johannes Kepler, John Couch Adams, Jürgen Habermas, Karl Marx, Leo Pessini, Libânio, Márcio Bolda da Silva, Mircea Eliade, Nicolau Copérnico, Pierre Duhem, Richard Dawkins, Rudolf Otto, Sam Harris, Teilhard de Chardin, Thomas Kuhn e Timothy Ferris. Nomes conhecidos no diálogo entre ciência e religião, ou que pelo menos já escreveram sobre o tema, não foram citados por nenhum seminarista, como Alvin Plantinga, Ian Barbour, John Polkinghorne, Karl Giberson, Kenneth Miller, Marcelo Gleiser, Michael Behe, Ronald Numbers e Stephen Jay Gould.

Curiosamente, muitas das publicações citadas normalmente reproduzem a narrativa do conflito entre ciência e religião. No entanto, como será demonstrado a seguir, isso parece não afetar a ideia que os seminaristas têm sobre a relação entre ciência e fé, já que a grande maioria deles não vê oposição entre uma e outra.

3.2. Relação entre ciência e fé

Na etapa seguinte do questionário, os seminaristas tiveram de responder a algumas perguntas sobre a relação entre ciência e fé, em termos gerais. As respostas à primeira questão indicam que os entrevistados têm uma visão muito positiva dessa relação.

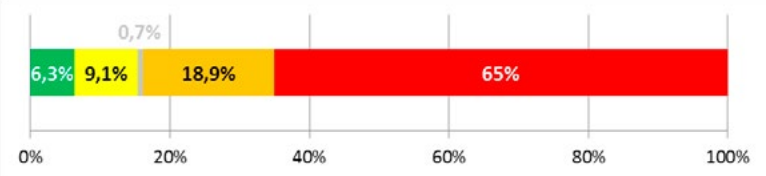
Gráfico 6 – Qual dessas frases melhor descreve o modo como você vê a relação entre ciência e religião?



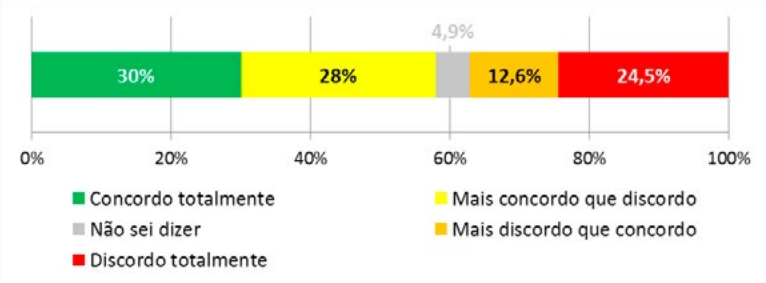
O questionário ainda apresentou aos seminaristas uma série de afirmações sobre ciência e religião, e pediu que eles descrevessem o grau de concordância ou discordância em relação às frases.

Gráfico 7 – Aponte sua opinião sobre as afirmações a seguir

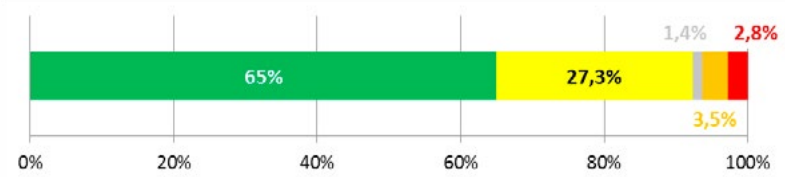
Afirmação 1: Ciência e religião podem coexistir pacificamente



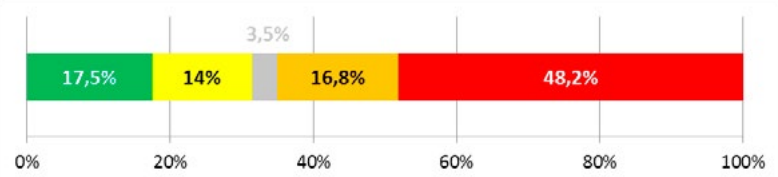
Afirmação 2: A existência ou inexistência de Deus pode ser provada cientificamente



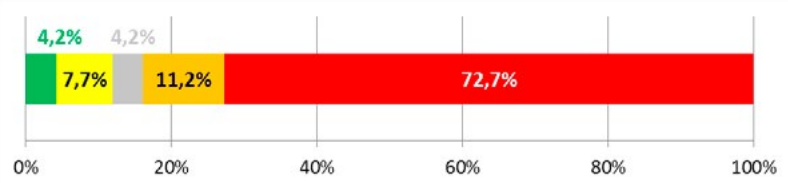
Afirmação 3: Os dogmas da Igreja criam obstáculos ao desenvolvimento científico



Afirmação 4: Quanto mais ciência uma pessoa estuda, mais facilmente ela pode perder a fé



Afirmação 5: Se a ciência não acha explicação para um fato, a ação divina é a explicação



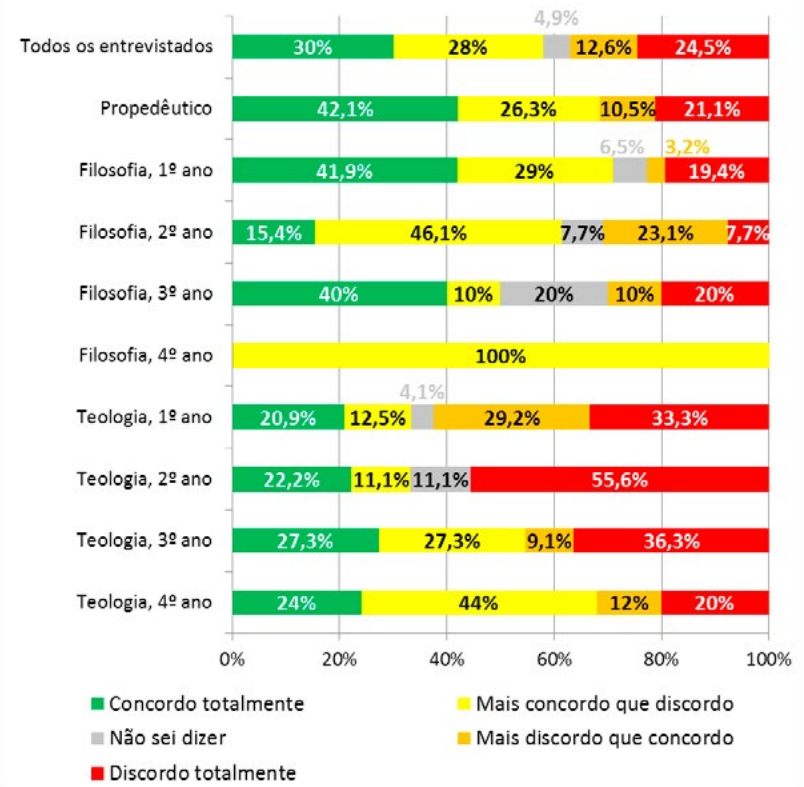
Mais de 90% dos seminaristas, portanto, concordam que ciência e fé podem coexistir pacificamente; a grande maioria discorda da noção constantemente divulgada pelo neoateísmo de que os dogmas católicos prejudicam o avanço científico, bem como da ideia segundo a qual o estudo da ciência leva as pessoas a perderem a fé – de fato, um estudo realizado nos Estados Unidos conclui que universitários das ciências chamadas exatas têm menos chance de abandonar a religião que os alunos dos cursos de ciências humanas[4]. A maioria dos seminaristas também concorda que a ciência não pode concluir nada sobre a existência ou inexistência de Deus.

Um contraponto surge nos comentários à última afirmação, que buscava avaliar entre os seminaristas a prevalência da noção do "Deus das lacunas": quase 60% dos entrevistados concordam, totalmente ou em parte, com a ideia de que, se a ciência ainda não consegue explicar um fato (por exemplo, o surgimento da vida na Terra), esse fato deve ser atribuído à ação divina. A adesão ao "Deus das lacunas", segundo os adversários desta ideia, oferece um risco para a fé, já que a divindade se torna mais e mais irrelevante à medida que a ciência descobre os mecanismos naturais que regulam o funcionamento do universo.

Ainda é possível avaliar se a formação no seminário tem algum impacto sobre a visão dos seminaristas a respeito de certos temas. Das cinco afirmações acima, foram escolhidas duas – a frase sobre a possibilidade de a ciência provar a existência ou inexistência de Deus e a frase sobre o "Deus das lacunas" – e verificou-se que não existe tendência uniforme, crescente ou decrescente, no grau de concordância ou discordância em relação às afirmações. Ressalte-se que, como mostrado no Gráfico 1, o número de entrevistados sofre grande variação de acordo com o ano de formação, com apenas um seminarista, por exemplo, declarando estar no 4.º ano de Filosofia.

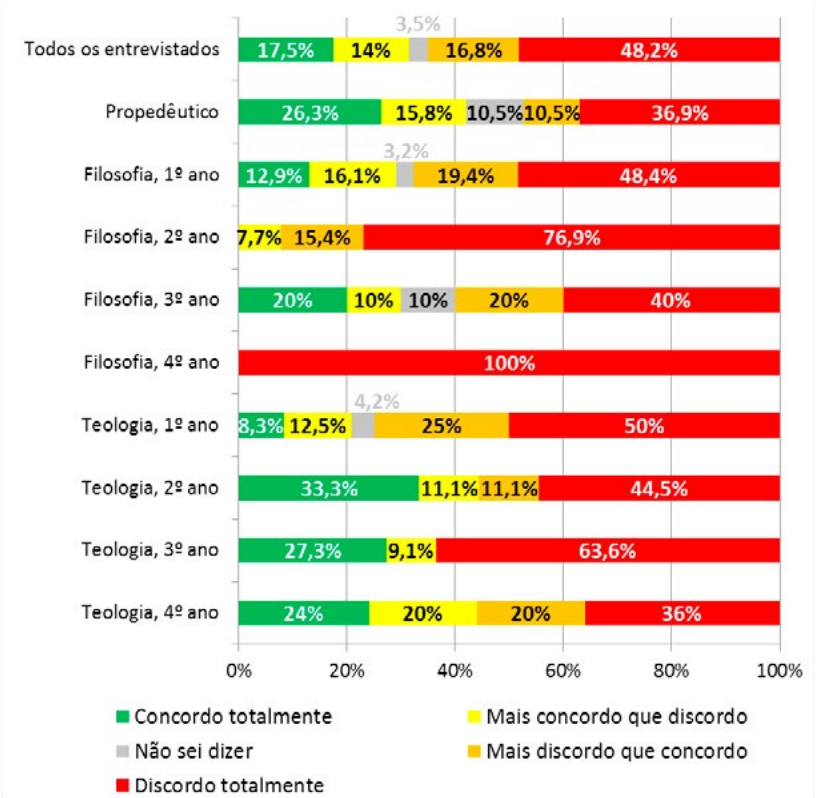
A adesão ao "Deus das lacunas" parece cair à medida que o seminarista avança no curso de Filosofia, atinge seu ponto mais baixo entre os alunos do 2.º ano da Teologia, e depois volta a crescer até retornar a níveis próximos aos dos seminaristas do 1.º ano da Filosofia (Gráfico 8).

Gráfico 8 – "Se a ciência não acha explicação para um fato, a ação divina é a explicação", resultados por ano de formação



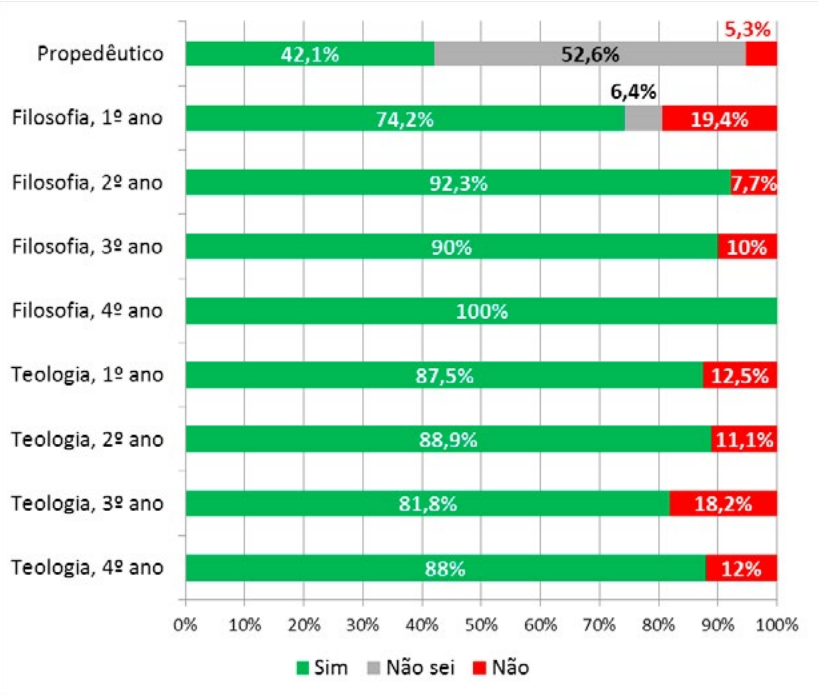
Em relação à segunda afirmação escolhida para a análise por ano de formação, sobre a possibilidade de a ciência comprovar a existência ou inexistência de Deus, os resultados são ainda mais irregulares, apesar de em todos os anos a maioria dos seminaristas discordar, pelo menos em parte, de que tal comprovação seja possível (Gráfico 9).

Gráfico 9 – "A existência ou inexistência de Deus pode ser provada cientificamente", resultados por ano de formação



Três questões eram dedicadas ao estudo de temas de ciência e religião dentro dos seminários, e 79% dos seminaristas disseram que sua formação inclui temas de ciência e fé; 12,6% disseram que não há tais conteúdos em seu seminário, e os restantes 8,4% não sabiam dizer se os temas de ciência e religião eram contemplados. A análise das respostas separadas por ano permite concluir que esses temas, quando fazem parte do currículo (seja como disciplinas específicas, seja como assuntos apresentados dentro de outras disciplinas), são introduzidos logo nos primeiros anos de estudo, já que a proporção dos seminaristas que responderam "sim" dá um salto entre o Propedêutico e o 1.º ano da Filosofia, e um novo salto deste para o 2.º ano da Filosofia.

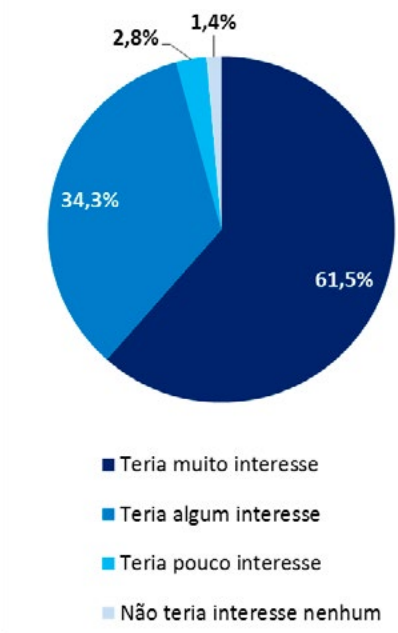
Gráfico 10 – Sua formação no seminário inclui temas de ciência e religião?, respostas por ano de formação



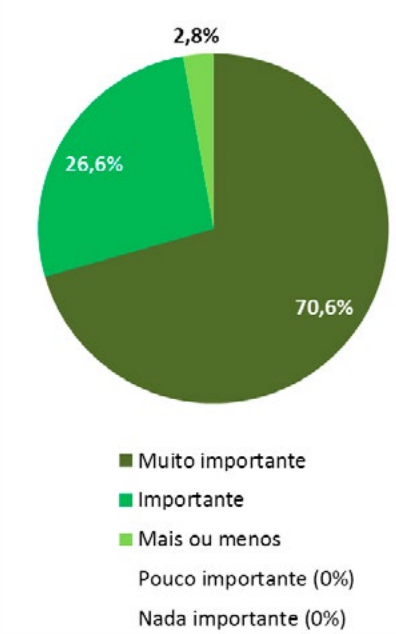
Os seminaristas também responderam sobre seu interesse pessoal em estudar temas de ciência e religião, e sobre a importância do assunto em sua formação. Embora 4,2% dos seminaristas tenham dito ter "pouco" ou "nenhum" interesse em aprender sobre ciência e fé, todos os entrevistados reconheceram a relevância do tema – nenhum seminarista afirmou que era "pouco" ou "nada" importante estudar sobre ciência e religião no seminário.

Gráfico 11 – Interesse e importância do estudo sobre ciência e religião no seminário

Você teria interesse em aprender sobre temas de ciência e religião no seminário?

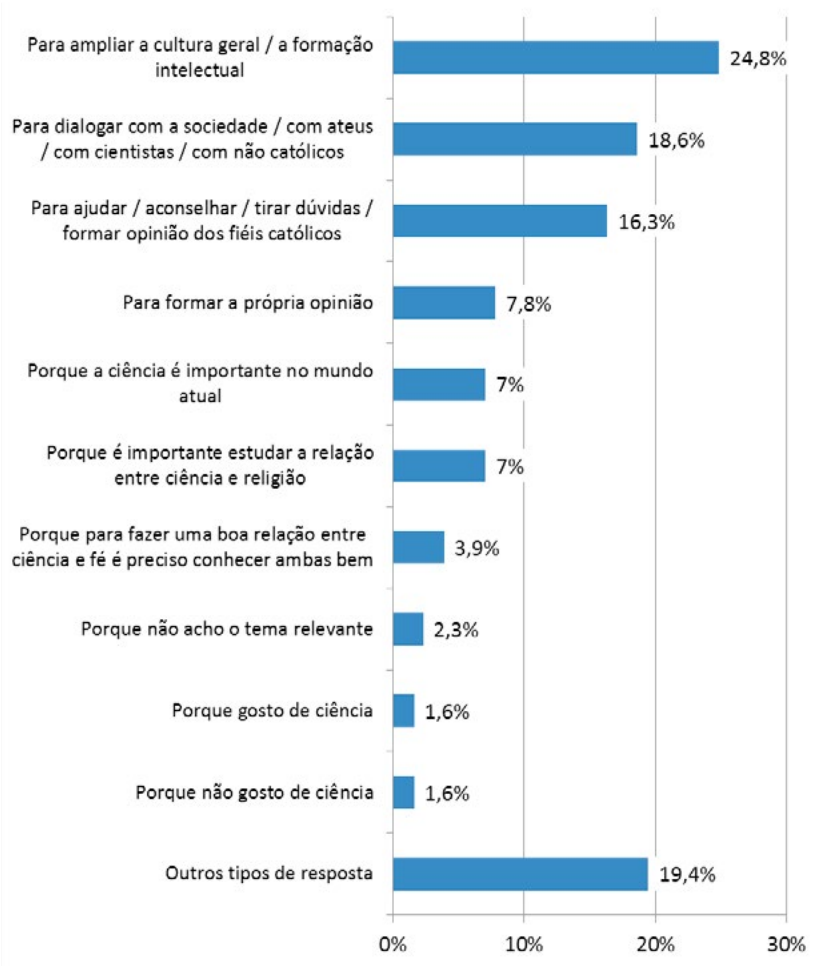


Você acha importante aprender sobre temas de ciência e religião no seminário?



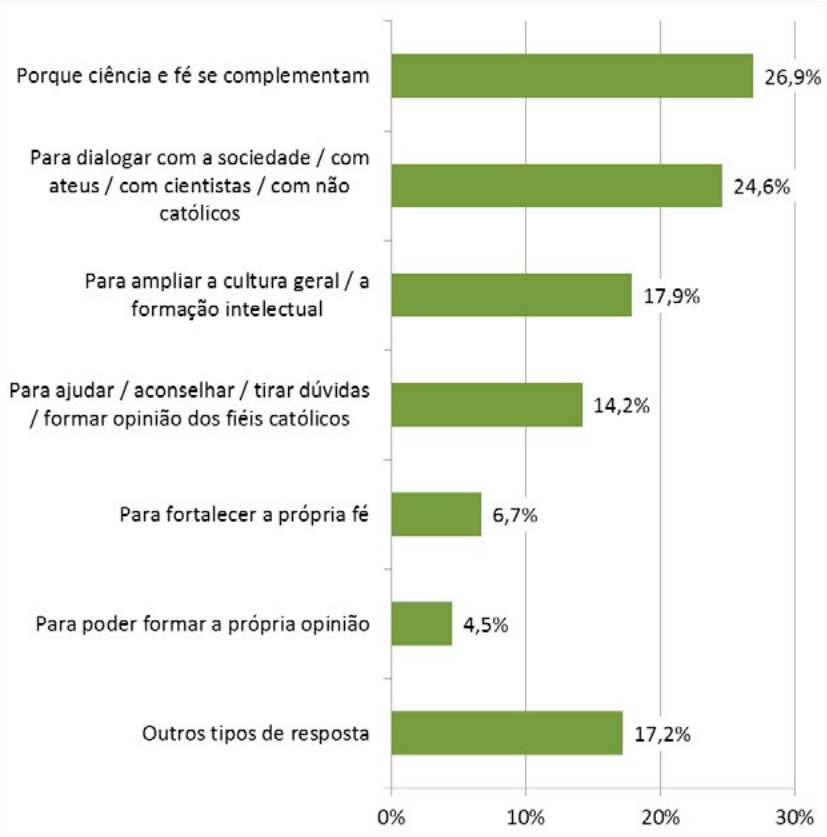
Após declarar o grau de interesse e de importância que atribuem ao aprendizado de temas de ciência e religião no seminário, os entrevistados foram convidados a justificar as respostas dadas no Gráfico 11, em uma questão aberta. Enquanto 129 seminaristas ofereceram razões para explicar seu interesse (ou falta de interesse) no assunto, 134 disseram por que consideravam importante aprender sobre o tema durante a formação para o sacerdócio.

Gráfico 12 – Por que você tem/não tem interesse em estudar temas de ciência e fé no seminário?
(% dos que ofereceram pelo menos um motivo)



(Alternativas elaboradas a partir das respostas escritas pelos entrevistados)

Gráfico 13 – Por que é importante estudar temas de ciência e fé no seminário? (% dos que ofereceram pelo menos um motivo)



(Alternativas elaboradas a partir das respostas escritas pelos entrevistados)

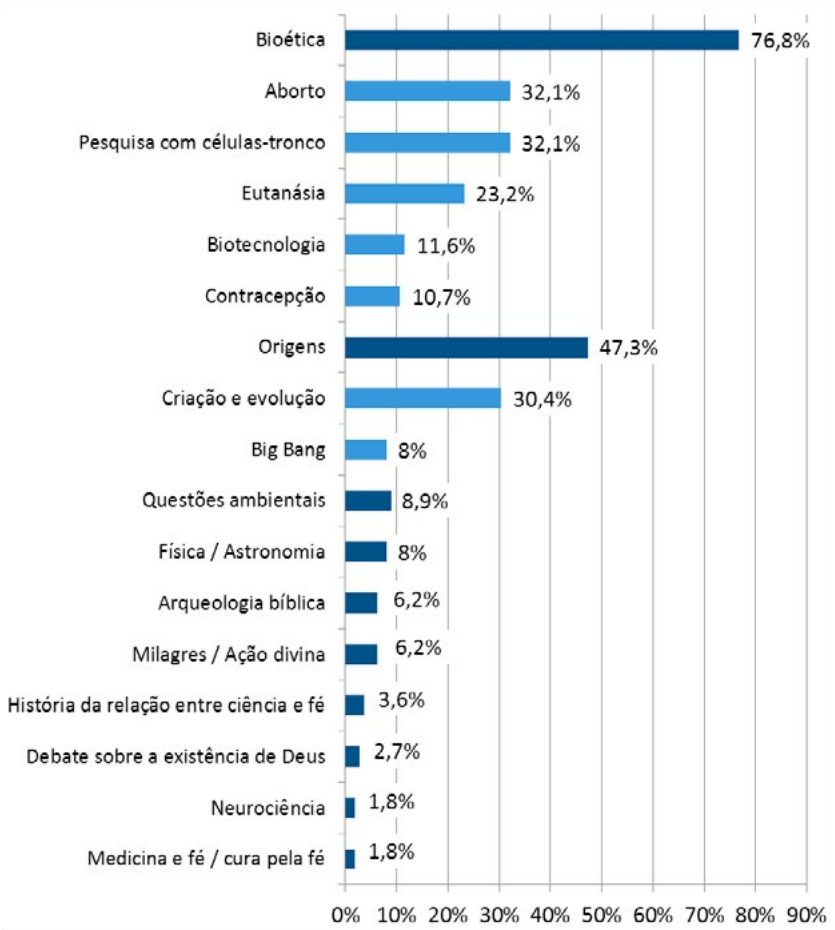
Os seminaristas se mostram preocupados com sua formação intelectual e cultural, e com a necessidade de dar respostas quando questionados. É interessante constatar que os entrevistados parecem mais preocupados com os questionamentos vindos *de fora* da Igreja que com as perguntas dos próprios católicos – apesar de 74,8% dos seminaristas terem dito acreditar que, durante sua vida como sacerdotes, os fiéis lhes perguntarão sobre temas de ciência e fé com muita frequência. Outros 22,4% disseram esperar ser questionados pelos fiéis, mas não com tanta frequência; 2,8% afirmaram que isso só acontecerá em raras ocasiões, e nenhum seminarista disse acreditar que nunca ouvirá perguntas dos fiéis sobre temas de ciência e fé.

3.3. Temas específicos de ciência e religião

Depois de avaliar as opiniões dos seminaristas sobre a relação entre ciência e religião em geral, o questionário passou a verificar questões específicas envolvendo o tema. Uma pergunta aberta pediu que os entrevistados enumerassem quais

os temas de ciência e religião que eles conheciam. Dos 143 seminaristas, 112 souberam identificar pelo menos um tópico envolvendo ciência e fé.

Gráfico 14 – Você saberia mencionar pelo menos um tema envolvendo ciência e religião?
(% dos que citaram pelo menos um tópico)



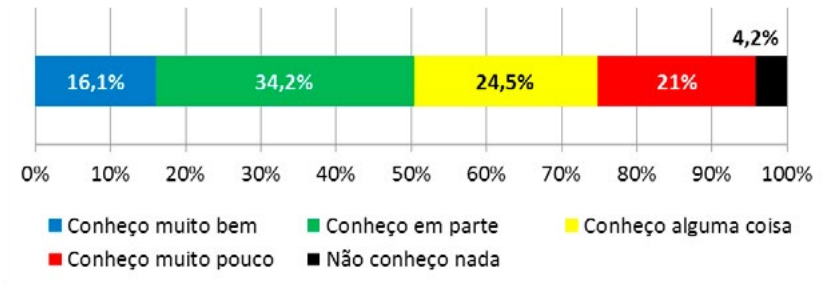
Já se esperava que os temas de bioética fossem os mais citados pelos seminaristas. A controvérsia sobre criacionismo, teoria da evolução e Design Inteligente tem muito menos força no Brasil que em países como os Estados Unidos. Isso se explica, em parte, pelo fato de a polêmica ser ainda recente no Brasil, enquanto já dura quase um século nos Estados Unidos. Além disso, o catolicismo, hegemônico entre a população brasileira, é mais "bem resolvido" nesse aspecto, já que a Igreja Católica aceita sem problemas a compatibilidade entre sua doutrina e a teoria de Darwin. Ainda assim, três em cada dez seminaristas citaram essa controvérsia, revelando que ela é conhecida por boa parte dos entrevistados.

Se a disputa entre criacionistas e evolucionistas ainda não ganhou relevância no Brasil, os temas de bioética têm estado bem presentes no noticiário. Em 2005, a aprovação da Lei de Biossegurança no Congresso Nacional permitiu a pesquisa com células-tronco embrionárias, e em 2008 o Supremo Tribunal Federal (STF) reafirmou a permissão ao julgar uma ação que contestava a possibilidade do uso de embriões em pesquisas. Quando a pesquisa com os seminaristas foi feita, discutia-se, no STF, a legalização do aborto de fetos anencéfalos (autorizado pelo mesmo tribunal em abril de 2012, meses após o encerramento da sondagem). Em todos estes episódios a Igreja Católica participou ativamente das discussões. Além disso, a legalização irrestrita do aborto faz parte da plataforma do partido que governa o país desde 2003, e foi um tema importante na eleição presidencial de 2010, ocasião em que o Papa Bento XVI pediu a bispos brasileiros, em um discurso, que se posicionassem de maneira firme em defesa da vida humana[5], emitindo juízos de valor político, se necessário. Por tudo isso, era natural que os temas de bioética estivessem entre os mais lembrados pelos seminaristas.

3.3.1. Bioética

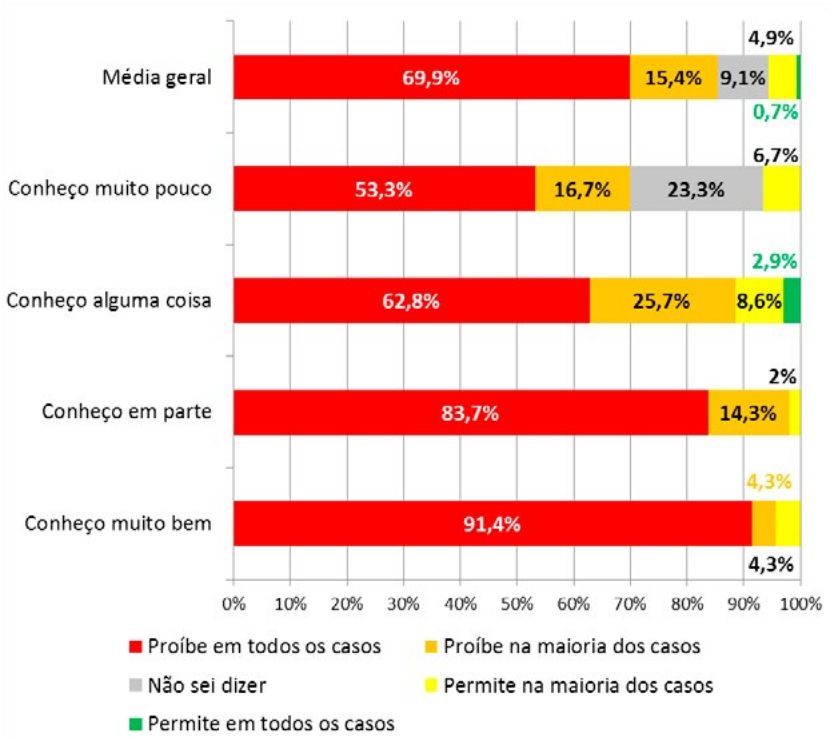
Entre os temas de bioética citados pelos seminaristas, a questão da pesquisa com células-tronco foi escolhida para uma pequena sequência de questões para avaliar com um pouco mais de profundidade qual era o conhecimento dos entrevistados sobre o assunto, inclusive porque relatos publicados na imprensa normalmente são confusos em relação à posição da Igreja Católica sobre o tema. É frequente que textos jornalísticos se refiram à "oposição da Igreja às pesquisas" de forma indiscriminada, sem explicar quais células-tronco têm seu uso condenado ou aprovado pela hierarquia católica. Ressalte-se que, na pergunta do Gráfico 15, o único critério é o da autodeclaração; não foi possível avaliar se o conhecimento que o seminarista realmente tem sobre o tema corresponde ao que ele diz ter.

Gráfico 15 – Como você classifica seu conhecimento sobre células-tronco embrionárias?



Os gráficos 16 e 17 avaliaram, a partir do grau de conhecimento autodeclarado, o que os seminaristas sabiam sobre a posição da Igreja Católica em relação ao tema. No caso da pesquisa com embriões, percebe-se que, quanto mais um entrevistado diz saber sobre o assunto, é mais provável que ele descreva corretamente o posicionamento católico sobre a proibição total do uso de embriões para a obtenção de células-tronco. Mesmo no grupo dos seminaristas que diziam saber muito pouco sobre o assunto, metade dos entrevistados disse que a Igreja não permitia a retirada de células-tronco embrionárias em nenhuma circunstância. No entanto, avaliando a média geral (que também incluiu os entrevistados que disseram desconhecer completamente o tema), percebe-se que 3 em cada 10 entrevistados não souberam descrever com precisão o que a Igreja Católica afirma sobre o uso de embriões em pesquisas, o que apresenta um desafio para os responsáveis pela área de Bioética em dioceses, regionais da CNBB e na própria conferência episcopal.

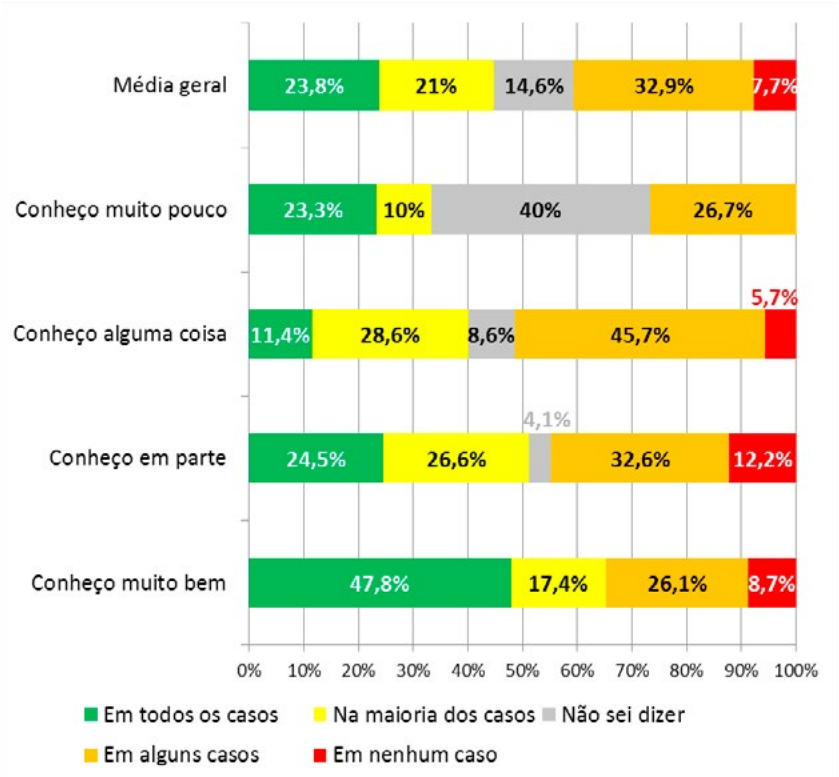
Gráfico 16 – A doutrina católica permite a pesquisa com células-tronco retiradas de embriões humanos?



As respostas em relação à posição católica sobre pesquisas com outros tipos de células-tronco (por exemplo, do sangue ou do cordão umbilical) apresentam um desafio ainda maior. Se por um lado a compreensão sobre a aprovação da Igreja

a essas pesquisas cresce à medida que aumenta o conhecimento dos entrevistados, por outro lado, mesmo no grupo dos seminaristas que diziam conhecer muito bem o tema, menos da metade afirmou que a Igreja aceitava o uso de células-tronco adultas em todas as circunstâncias. Pode-se concluir que, diante da afirmação (frequentemente repetida) de que a Igreja Católica é insensível diante do sofrimento de pacientes cujas doenças poderiam ser curadas por meio da terapia com células-tronco, ou de que ela bloqueia o avanço da ciência, boa parte dos futuros sacerdotes não saberá lembrar o apoio da Igreja ao uso das células-tronco adultas.

Gráfico 17 – A Igreja permite a pesquisa com outros tipos de células-tronco?



Perguntados se conheciam outros temas de bioética além da pesquisa com células-tronco, 78 dos 143 entrevistados não citaram nenhum assunto – curiosamente, muitos desses 78 souberam mencionar pelo menos um tema de bioética na pergunta do gráfico 14. Uma explicação possível é a não associação entre o termo "bioética" e assuntos como aborto e eutanásia.

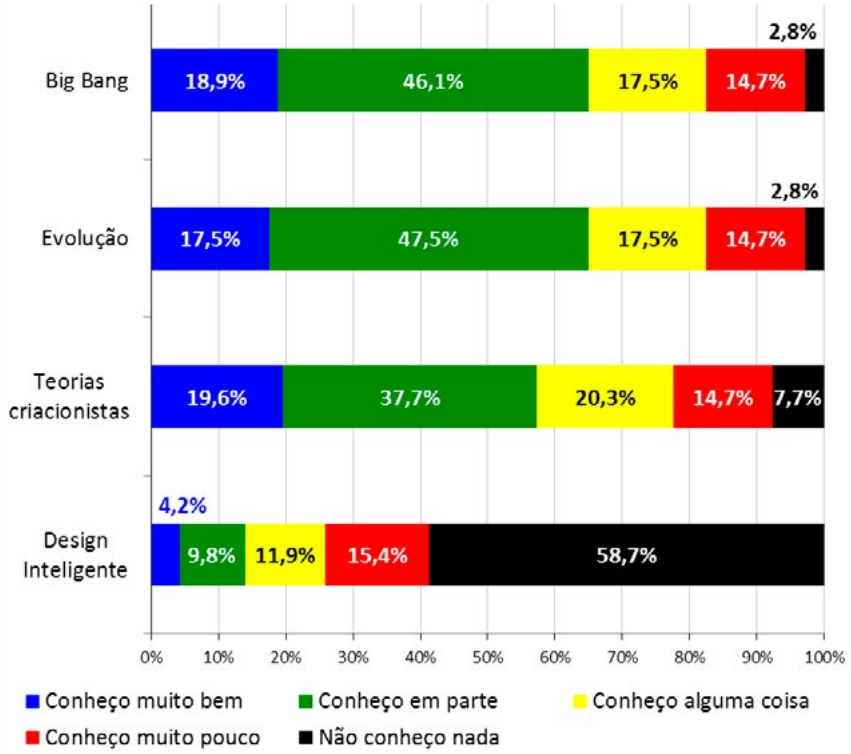
Entre os 65 seminaristas que citaram pelo menos um assunto ligado à bioética, o aborto foi mencionado por 47 deles; o mesmo ocorreu com as questões sobre o fim da vida (eutanásia, ortotanásia, distanásia), também com 47 citações. Temas ligados à reprodução humana (contracepção, reprodução assistida, métodos naturais) foram lembrados por 29 entrevistados.

A clonagem teve 11 citações, mesmo número de seminaristas que mencionaram tratamentos como transplantes e terapias genéticas. A questão dos alimentos transgênicos foi lembrada por seis entrevistados; a eugenia, por três; o temas da ética em pesquisa e dos cuidados com o paciente tiveram uma citação.

O questionário também procurou avaliar a opinião dos seminaristas sobre questões ligadas às origens, tanto do universo quanto da vida na Terra. Para isso, os temas escolhidos foram o Big Bang, a teoria da evolução (de Darwin), o Design Inteligente e as teses criacionistas (sem distinção entre criacionismo de Terra jovem e de Terra antiga).

3.3.2. Origem do universo e da vida

Gráfico 18 – Como você classifica seu conhecimento sobre as seguintes teorias?



Percebe-se que o conhecimento autodeclarado sobre o Big Bang e a evolução tem níveis quase idênticos, e essas são as duas teorias mais conhecidas pelos seminaristas. Mais da metade dos entrevistados diz conhecer pelo menos em parte as teses criacionistas, e o Design Inteligente é totalmente desconhecido pela maioria dos entrevistados.

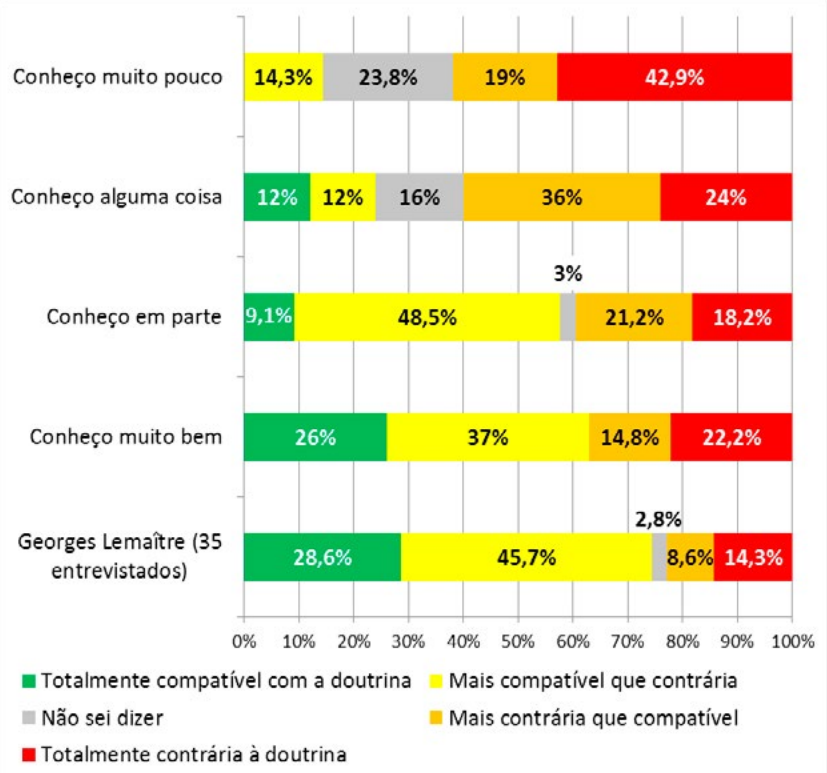
3.3.2.1. Big Bang

A aceitação da teoria do Big Bang entre

os seminaristas segue um padrão: quanto mais conhecimento os entrevistados dizem ter sobre a teoria, mais provável é que eles aceitem a compatibilidade entre a doutrina católica e a noção de que todo o universo surgiu a partir da explosão inicial de um minúsculo ponto extremamente quente e denso, há cerca de 14 bilhões de anos – a aceitação dessa compatibilidade, ainda que incompleta, já supera os 50% a partir do grupo que diz "conhecer em parte" a ciência do Big Bang. No entanto, entre os seminaristas que dizem "conhecer alguma coisa" ou "conhecer muito pouco", os índices de aceitação da compatibilidade são muito baixos, ficando abaixo dos 25%.

Na última parte do questionário, foram apresentados os nomes de alguns cientistas católicos, com o objetivo de avaliar se os seminaristas saberiam associá-los a suas áreas de pesquisa. Um dos nomes apresentados foi o do sacerdote belga Georges Lemaître, que propôs a teoria do Big Bang. Dos 143 entrevistados, 35 sabiam que Lemaître era físico ou astrônomo. Este grupo foi o que manifestou maior concordância em relação à compatibilidade entre o Big Bang e a doutrina católica.

Gráfico 19 – Na sua opinião, qual a compatibilidade entre o Big Bang e a doutrina católica?



3.3.2.2. Evolução, criacionismo e Design Inteligente

O questionário também avaliou a maneira como os seminaristas veem a compatibilidade entre a doutrina católica e três explicações propostas para o surgimento ou a variedade da vida na Terra: a teoria da evolução de Darwin, o Design Inteligente e as teses criacionistas.

Os resultados relativos à teoria da evolução seguem um padrão parecido com o verificado no caso do Big Bang – à medida que aumenta o conhecimento dos seminaristas sobre a teoria, também aumenta o grau de aceitação da compatibilidade entre a evolução e o catolicismo –, mas com uma exceção importante: no grupo daqueles que dizem "conhecer muito bem" a teoria de Darwin, a aceitação cai para níveis inferiores a 30%, embora seja neste grupo que se verifique a maior porcentagem dos que declaram haver compatibilidade total entre evolução e doutrina católica.

O questionário também perguntou se os seminaristas conheciam algum documento da Igreja Católica que mencionasse explicitamente a evolução. Dos 143 entrevistados, 18 citaram a encíclica *Humani Generis*6, de Pio XII, escrita em 1950, e apenas três citaram a mensagem de João Paulo II à Pontifícia Academia de Ciências, em 1996, na qual o pontífice afirma que a evolução é "mais que uma hipótese"[7]. O grupo que mencionou a encíclica de Pio XII foi o único onde a aceitação da compatibilidade entre evolução e catolicismo superou os 50%. Apesar de a mensagem de João Paulo II fazer uma defesa mais enfática da teoria de Darwin, do trio de seminaristas que se recordou desse texto, dois afirmaram que a evolução é "mais contrária que compatível" com a doutrina católica, e apenas um classificou a teoria como "mais compatível que contrária" ao catolicismo.